



**Eixo: 7 - Classe social, gênero, raça, etnia e diversidade sexual**

## **Masculinidades e marxismo: aportes da Teoria da Reprodução Social**

### **Resumo:**

Este trabalho tem como objeto de estudo as masculinidades sob a lente marxista, a partir da Teoria da Reprodução Social (TRS). A abordagem teórica abrange, além dos aportes da TRS, contribuições acerca da noção de masculinidades, contribuições gerais sobre a categoria de masculinidade e contribuições dos estudos feministas e marxistas. Tem, ainda, como suporte o materialismo histórico-dialético e pretende contribuir com uma formulação inter-relacionada entre Teoria da Reprodução Social e masculinidades, assim como com o fortalecimento prático e teórico acerca da necessidade de construção de uma outra masculinidade. A pesquisa justifica-se em vários âmbitos que nutrem uma necessária mudança, para a construção de uma sociedade emancipada, diferente da erigida sob o sistema capitalista.

**Palavras-chave:** masculinidades; Teoria da Reprodução Social; teoria marxista; materialismo histórico-dialético; feminismo marxista.

## **Masculinities and Marxism: contributions from the Theory of Social Reproduction**

### **Abstract:**

This work has as its object of study masculinities from a Marxist lens, based on the Theory of Social Reproduction. The theoretical approach encompasses, in addition to this contributions, contributions about the notion of masculinities, general contributions about the category of masculinity and contributions from feminist and marxist studies. It is also supported by historical-dialectical materialism and intends to contribute with an interrelated formulation between Social Reproduction Theory and masculinities, as well as with the practical and theoretical strengthening of the need to construct another masculinity. The research is justified in several areas, such a necessary change, for the construction of an emancipated society, different from that built under the capitalist system.

**Keywords:** masculinities; Social Reproduction Theory; Marxist theory; historical-dialectical materialism; Marxist feminism.

### **1. Introdução**

É difícil conseguir estabelecer um marco histórico de surgimento do movimento feminista, entretanto, é essencial dizer que com relação aos aspectos históricos, a primeira forma de dominação que pode ser identificada é a opressão sobre as mulheres. A história humana, dessa maneira, foi marcada, em grande parte, por perseguição às mulheres. As mulheres sempre estiveram confinadas ao ambiente opressivo da família,

sempre sofreram restrições no que tange à educação, à participação política e os direitos sociais de maneira geral. As próprias formulações linguísticas empregam o masculino sempre que querem se referir a humanidade de maneira geral, ou seja, mesmo que estejamos nos referindo as mulheres e homens, gera-se um apagamento das mulheres como sujeitos da história (MORAES, 2020).

É indispensável reconhecer as lutas históricas, construções e produções realizadas pelos movimentos feministas e pelas mulheres. Os homens possuem um papel importante na necessidade de apreender tais produções, movimentos e formulações a fim de auxiliar na construção de uma história onde as mulheres deixam de ser apenas partícipes e passem a ser a voz e representação dessa história (SCHNEIDER, 2017).

Pretende-se analisar, dessa maneira, as masculinidades e a formação de uma nova masculinidade, a partir da Teoria da Reprodução social que visa compreender todo o processo de desenvolvimento de atividades de trabalho reprodutivo essenciais para a manutenção da sociedade capitalista (BHATTACHARYA, 2019; ARRUZA, 2015). O termo reprodução social está aqui ligado à ideia do trabalho produtivo e reprodutivo de manutenção do sistema capitalista.

Para tanto, as bases referenciais teóricas aqui utilizadas giram em torno de produções feministas marxistas acerca da Teoria da Reprodução Social (ARRUZA, 2017; FERGUSON, 2017; BHATTACHARYA, 2019; ARUZZA, 2015), visando destacar a necessidade de construção de uma nova masculinidade (hooks<sup>1</sup>, 2019), um novo homem (GUEVARA, 1965) e conseqüentemente uma nova mulher (KOLONTAI, 2003), para um processo de transição ao socialismo (PANDOLFI, 2019; MÉSZÁROS, 2011).

## **2. Discussão teórica**

O primeiro ponto essencial a ser compreendido neste trabalho diz respeito, mais especificamente a quais são as bases que sustentam a chamada Teoria da Reprodução Social e quais são suas principais influentes nos tempos atuais. A construção de uma teoria unitária foi inicialmente formulada por Iris Marion Young e tem em Lise Vogel

---

<sup>1</sup> Mesmo ciente das normas de referências e citação da ABNT, tal referência aparece em letras minúsculas no decorrer desse trabalho por respeito a vontade da autora de que seu nome seja sempre utilizado em letras minúsculas.

um importante papel de consolidação enquanto teoria de produção científica. A partir disso tem-se a origem da Teoria da Reprodução Social (ESQUENAZI; MORAES, 2020).

Observa-se que a Teoria da Reprodução Social, uma construção de teoria unitária, não é recente, entretanto, vem sendo retomada por autoras contemporâneas como, por exemplo, Thithi Bhattacharya, Cinzia Arruza e Susan Ferguson (ESQUENAZI; MORAES, 2020). É preciso compreender em que consiste tal formulação teórica para, posteriormente, conseguir relacioná-la com a noção de masculinidade, nova masculinidade, ou um novo homem e uma nova mulher.

A Teoria da Reprodução social parte da ideia da força de trabalho, o desenvolvimento de atividades essenciais que fazem parte da base do sistema capitalista, já que são responsáveis pela reprodução do trabalhador e manutenção desse sistema. Tais atividades são feitas majoritariamente por mulheres, e sem que haja nenhuma ou baixíssimas remunerações ou valorização, tanto num âmbito particular de “dentro de casa”, quanto num âmbito da comunidade (BHATTACHARYA, 2019).

Essas tarefas que constituem o processo de reprodução social do trabalhador são atividades tais como: cuidar de filhos e crianças, cozinhar, fazer compras, manutenção da casa de forma geral, pequenos serviços e outros trabalhos domésticos. Essas atividades geralmente são realizadas somente por mulheres e sem que haja remuneração. Dessa maneira, uma formulação principal da Teoria da Reprodução Social gira em torno da concepção de que o capitalismo é um sistema unitário que une a produção com a reprodução social, sendo que um afeta o outro diretamente (BHATTACHARYA, 2019).

A produção se refere a venda da força de trabalho por parte do trabalhador (a) no mercado de trabalho para sua própria sobrevivência, produção que gera o processo posterior de acumulação e exploração dessa força de trabalho. O objetivo aqui, entretanto, não é apresentar a fundo ou discorrer sobre o processo de produção, apenas ressaltar que as mulheres precisam vender suas forças de trabalho durante o processo de produção e ainda desenvolvem as atividades de trabalho de reprodução social, tudo isso ocorre num mesmo dia. A jornada de trabalho produtiva se soma assim à reprodutiva (BHATTACHARYA, 2019).

Para uma compreensão mais lúcida e completa dessa formulação teórica é preciso compreender o fato de que de acordo com tal formulação o capitalismo é um sistema complexo e articulado que produz uma ordem social, possuindo um núcleo pautado sobre relações de exploração, dominação e alienação. O desafio desse ponto vista é entender

que esse sistema precisa dessas relações hierárquicas e opressivas para o seu funcionamento (ARRUZZA, 2015). Daqui já é possível extrair um ponto de análise para a masculinidade, na medida em que essa é erigida no sistema capitalista a partir dessas relações hierárquicas e opressivas, onde os homens dominam e as mulheres são dominadas. Ou seja, essas relações de dominação e hierarquia são baseadas em gênero (assim como em raça, entretanto o foco aqui é no gênero), onde os homens possuem privilégios sobre as mulheres (ARRUZZA, 2015).

O termo da reprodução social foi elaborado por Marx a fim de compreender o processo pelo qual uma sociedade de maneira mais ampla se reproduz. É preciso dizer, nesse sentido, que as feministas marxistas buscam dar um sentido mais específico a ideia da reprodução social (ARRUZZA, 2015).

Ou seja, de maneira resumida a Teoria da Reprodução Social tem por base uma análise a partir do trabalho de reprodução social necessário para a manutenção dessa sociedade capitalista. Trabalho esse submetido às relações hierárquicas e de dominação, trabalho pouco valorizado tanto em termos de importância (mesmo sendo vital para a sociedade), quanto em termos de remuneração.

O conceito de reprodução social permite compreendermos quem são essas trabalhadoras (es) e como esse trabalho é socialmente organizado e dividido (ARRUZZA, 2015). A proposta de masculinidade aqui a ser analisada e, principalmente, a necessidade de uma nova masculinidade, se refere justamente ao aspecto relativo à organização e divisão social do trabalho, ou melhor, uma divisão sexual do trabalho (KERGOAT, 2009).

Essa teoria se caracteriza como uma teoria unitária, justamente pois propõe, ou tenta alcançar, uma interpretação das relações da sociedade que são baseadas no gênero ou orientação sexual que compõe um todo, uma totalidade articulada, complexa e contraditória que é o sistema capitalista (ARRUZZA, 2015). Uma teoria que concebe o social enquanto uma totalidade historicamente mutável e aberta, uma teoria na qual a lógica reprodutiva do social reside em todas as partes (FERGUSON, 2017).

É preciso chamar atenção, entretanto, para o fato de que dizer que é uma teoria unitária, que analisa o todo, uma totalidade, não significa dizer que ela não é capaz de reconhecer, entender e explicar as diferentes partes e como elas se relacionam e se conectam dentro de um processo total. Uma proposição feminista da reprodução social pretende revelar uma possibilidade de teorizar as relações sociais por meio de uma

unidade integral. Ou seja, é possível dizer que a Teoria da Reprodução Social, ou essa formulação feminista da reprodução social, se mostra como um quadro analítico promissor que busca evitar meros estudos descritivos de uma realidade social, pretende uma apreensão da totalidade capitalista, o todo da sociedade capitalista, compreendendo as formas pelas quais afeta as interações, relações e instituições sociais (FERGUSON, 2017).

Enquanto formulação teórica e potente ferramenta analítica de análise e transformação da sociedade, a Teoria da Reprodução Social sofreu e sofre algumas críticas, uma delas é de que sua análise é reducionista. Nesse sentido, é necessário afirmar que todo o debate da reprodução social, trazido à tona por diversas feministas marxistas e socialistas há mais de 30 anos, tem a intenção de oferecer uma análise sofisticada da relação entre o sistema capitalista e a opressão de gênero (ARRUZZA, 2017).

Esse processo de análise que parte da reprodução social da vida, ou seja, da “renovação e manutenção da vida e das instituições” (ARRUZZA, 2017, p. 40), só é efetivamente apreendido a partir de sua totalidade complexa, histórica, repleta de contradições e mutável ao longo do tempo. É possível pensar, portanto, como essa totalidade, constituída de relações de dominação, exploração e subordinação, onde o trabalho reprodutivo é de forma geral uma “atividade da mulher”, se relaciona estritamente com uma masculinidade que é pautada sob a ótica de que os homens dominam e as mulheres são dominadas, a ótica de que o homem exerce o trabalho produtivo, gera o sustento da “família” e o trabalho reprodutivo deve ser exercido pelas mulheres, independente de essas também exercerem um trabalho de produção vendendo sua força de trabalho, tendo mais um jornada de trabalho quando retornam a suas casas, por exemplo.

A discussão aqui proposta de análise das masculinidades está diretamente relacionada, portanto, a discussão de gênero, onde é imprescindível relacionar uma perspectiva de gênero a história do capitalismo, muito além de somente uma “história das mulheres” (FEDERICI, 2017). Daí a necessidade de apreensão dessa masculinidade construída no/ pelo sistema capitalista, como aprendizado histórico desse processo contraditório e contínuo para uma nova masculinidade, associada a uma transição dessa sociedade para uma sociedade emancipada e substancialmente justa, uma sociedade socialista.

A construção da mulher e do homem, a constituição dessa masculinidade precisa se desvincular completamente da concepção na qual o homem é proprietário da casa e a mulher possui posição subalterna, onde é apenas “convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução” (ENGELS, 1977, p. 61). Isso demonstra que a mulher do sistema capitalista é destituída de sua humanidade, aquela dominada, a que obedece, a subjugada, a que precisa somente servir. Ao passo em que o homem é o dominador, o que manda, o que precisa ser servido.

Essas relações hierárquicas de dominação são históricas, Engels (1977) nos lembra que o início do antagonismo de classes é concomitante a um processo de antagonismo entre homem e mulher. Consequentemente, a primeira opressão entre classes coincide com a opressão do sexo masculino sobre o feminino (ENGELS, 1977). A masculinidade no sistema capitalista é construída com base nessa totalidade complexa e contraditória, uma totalidade que pode ser evidenciada a partir, por exemplo, do trabalho de reprodução social.

É necessário, portanto, pensar na formação de um novo homem e uma nova mulher no processo de transição socialista. Essa nova mulher é concebida de tal maneira que não seja escrava, uma mulher com personalidade, essa nova mulher é aquela que não é nem passiva e nem submissa (KOLONTAI, 2011). Uma nova mulher e um novo homem que sejam construídos/ movidos por um sentimento de amor (KOLONTAI, 2011). Essa nova sociedade deve ser edificada sob outros princípios que criam uma nova mulher e um novo homem.

A nova sociedade a ser criada, esse processo de transição no que tange, por exemplo, suas bases materiais de consolidação deve ser acompanhado de um homem novo. Um novo homem que vai nascendo durante esse processo de transição e construção do socialismo. É importante destacar que esse novo homem deve ir criando uma consciência de sua inserção na sociedade, ao mesmo tempo em que consiga compreender sua importância como “motor” dessa sociedade (GUEVARA, 1965).

Vale destacar, entretanto, que todo esse processo de mudança não pode se dar somente no âmbito da cultura ou das ideias, é necessário pensar em mudanças materiais e estruturais no eixo dessa sociedade estabelecida, para que assim seja possível que uma nova masculinidade seja construída.

A ideia de nova masculinidade, construída sob a ótica de um novo homem e uma nova mulher está diretamente relacionada a um processo de transição para o socialismo.

Isso se justifica no fato de que enquanto a organização social for feita pelo sistema capitalista, as atividades como, cozinhar, limpar a casa, educar crianças recairá sempre sobre as mulheres. A masculinidade no/ do sistema capitalista despreza essas tarefas, pois elas são para seres “menos evoluídos”, de necessidades mais simples. Essa realidade só pode ser alterada com uma reformulação das condições da vida em sociedade, ou seja, numa transição socialista (KRÚPSKAIA, 2017a).

Uma das premissas básicas do sistema capitalista que precisa ser superada é a de que “a mulher é uma força de trabalho que pode ser explorada sem limites” (KRÚPSKAIA, 2017b, p. 116). A base teórica da reprodução social subsidiando a discussão de masculinidade, trabalha justamente no sentido de pensar as formas de construção e constituição da masculinidade, que no sistema capitalista é construída sob uma ótica de exploração, dominação, por meio da força de trabalho, por exemplo. A partir daí, dessa análise de uma totalidade, a masculinidade pode ser repensada, compreendendo a necessidade de alterar suas bases de formação e constituição, e isso deve ser feito desde a sociedade capitalista, com vistas à transição a uma outra sociedade.

A masculinidade necessária para um processo de transição socialista deve ser uma mais libertadora do que a anterior, libertadora para homens e mulheres. É preciso uma masculinidade que não seja pautada pela dominação e exploração. Uma masculinidade que faça os próprios homens olharem para si próprios, uma masculinidade que promova uma autoestima, um autoamor dos próprios homens enquanto sujeitos. Essas formas que moldam a masculinidade no sistema capitalista ao promoverem a dominação constante afetam a autoestima, os homens só são homens ao dominarem um outro, nesse caso, as mulheres (hooks, 2019).

Portanto, a Teoria da Reprodução Social, ao compreender o trabalho reprodutivo como essencial à manutenção e reprodução da vida no sistema capitalista, nos oferece algumas ferramentas analíticas importantes para pensar a masculinidade construída no/ pelo sistema capitalista, evidenciando a necessidade de uma nova masculinidade para um processo de transição socialista, transição a uma outra sociedade na qual a masculinidade deve ser superada, transbordada e aprendida, conforme a anterior. A masculinidade do sistema capitalista deve ser compreendida e modificada primeiramente dentro do próprio sistema, para que durante a transição socialista essa nova masculinidade seja consolidada.

Se já compreendemos que algumas formulações e ideias principais acerca da Teoria da Reprodução Social, do novo homem e da nova mulher estão inseridos no processo, da masculinidade em si, se faz necessário compreender o último aspecto que constrói esse problema: a transição ao socialismo, ou transição socialista. Esse processo de transição é aqui compreendido enquanto um processo complexo, longo e que apresenta contradições (PANDOLFI, 2019).

A transição da sociedade do sistema capitalista para a sociedade socialista traz consigo um processo de negação, conservação e superação. É essencial que a transição despenda atenção sobre a necessidade de tentar superar essas contradições sabendo que outras irão surgir durante o processo e as mudanças em curso (PANDOLFI, 2019). A masculinidade acompanha esse processo, ou seja, precisa passar por um processo de suprassunção: ser negada em relação à anterior, precisa conservar alguns aspectos para assim ser capaz de superá-la.

A masculinidade precisa acompanhar o processo de transição ao socialismo, ou seja, assim como a sociedade de maneira geral apresenta uma ruptura gradual, usualmente durante um longo período histórico, com as formas estruturantes da sociedade capitalista em vigor (PANDOLFI, 2019).

O processo de transição ao socialismo é caracterizado, dessa maneira, por elementos, formas e estruturas que devem ser superados e transcendidos durante uma reestruturação radical dessa ordem social, estabelecida enquanto um sistema complexo, um “todo”. A transição ao socialismo busca o estabelecimento, dessa maneira, de uma outra ordem alternativa a essa hegemônica existente (MÉSZÁROS, 2011). Esse período de transição deve ser concebido como uma transformação explosiva do sistema capitalista (GUEVARA, 1965).

A transição é um elemento necessariamente inserido numa totalidade que é historicamente construída, por isso não pode ser concebida num “sentido social-histórico limitado” (MÉSZÁROS, 2011, p. 1069). A transição da sociedade capitalista para uma socialista precisa acontecer compreendendo um contexto e constituição histórica, por isso deve ser um processo gradual, no qual formas e ordens devem ser apreendidas e superadas.

Podemos ir mais a fundo, observando um pouco do processo de transição a partir das próprias palavras de Marx e Engels, e nesse sentido é possível dizer que a transição socialista se caracteriza como uma “derrubada violenta de toda ordem social passada”



(MARX; ENGELS, 2015, p.83). Entretanto, essa transição se caracteriza enquanto um processo longo, um desfacelamento do Estado de forma gradual (MÉSZÁROS, 2011). Em suma, a transição socialista é uma ruptura histórica e gradual da ordem social vigente – o capitalismo – para a criação de outra ordem social, uma transição para uma outra sociedade, alternativa à existente, uma sociedade com outras relações e afins. E não se pode esquecer que essa nova sociedade tem que competir duramente com o passado (GUEVARA, 1965). A tese desse projeto se centra na junção de pensar uma nova masculinidade necessária para um processo de transição socialista, sob a ótica da Teoria da Reprodução Social.

### **3. Métodos de pesquisa**

A fim de alcançar o objetivo principal aqui estabelecido de analisar a necessidade de uma nova masculinidade para a transição socialista, a partir da Teoria da Reprodução Social, algumas ferramentas metodológicas se mostram importantes. Pode-se destacar, nesse caso, a pesquisa e revisão bibliográfica e fundamentações do materialismo histórico-dialético. No que tange a revisão bibliográfica, é importante destacar que a pesquisa e reunião de diversas produções referentes ao tema central da pesquisa e do referencial teórico são fundamentais porque tais produções se apresentam como matéria-prima ao pesquisador a fim de realizar suas devidas análises (SEVERINO, 2007).

Cabe ressaltar que a pesquisa bibliográfica é uma ferramenta de pesquisa importante na medida em que serve como subsídio de construção do conhecimento científico de maneira geral, assim como permite a busca por fundamentos teóricos que constroem o objeto de estudo e pesquisa em questão. A pesquisa bibliográfica tem por característica auxiliar ao reunir produções que embasam uma análise dos dados e informações adquiridas a fim de alcançar a solução ou resposta para o problema de pesquisa, não obstante se apresenta, também, como uma fonte de compreensão crítica e dialética da realidade (LIMA; MIOTO, 2007).

Dessa maneira, a pesquisa bibliográfica se revela enquanto um método de pesquisa aberto e contínuo em relação aos obstáculos e contradições que o próprio desenvolvimento da pesquisa traz ao pesquisador. Essa ferramenta será aqui utilizada a fim de uma imersão em produções científicas-acadêmicas historicamente construídas sob distintas realidades materiais, delineando assim a constituição do problema aqui

apresentado: como, a partir da Teoria da Reprodução Social, é possível pensar em uma nova masculinidade necessária para um processo de transição ao socialismo?.

Busca-se estabelecer um panorama de construção e constituição teórica da masculinidade do sistema capitalista, para, posteriormente, pensar, a partir das formulações da Teoria da Reprodução Social, uma nova masculinidade necessária para um processo de transição socialista. Dessa maneira, em certa medida, será feita uma síntese integradora (SALVADOR, 1986) nessa espécie de quadro teórico, com vistas a um rigor de construção histórica materialista e dialética que tem como pilar de sustentação principal a compreensão de uma realidade material a partir de observação de um movimento histórico concreto (LIMA; MIOTO, 2007).

A fim de alcançar os objetivos pretendidos é preciso analisar uma realidade concreta, condições materiais inseridas num tempo e contexto histórico, a busca por uma totalidade concreta. Vale destacar que totalidade não significa necessariamente todos os fatos, a totalidade é aqui compreendida como “realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fator qualquer pode vir a ser racionalmente compreendido” (KOSÍK, 2002, p. 35). Ou seja, no caso aqui em questão da masculinidade enquanto um “fato”, uma realidade de um todo estruturado – sistema capitalista – que pretende ser racionalmente analisado. Os fatos nesse processo são uma ferramenta de compreensão da realidade se localizados nesse todo dialético, são partes estruturais desse todo estabelecido (KOSÍK, 2002).

Nesse sentido, a totalidade, o concreto, não são todos os fatos, um simples conjunto. A realidade é uma totalidade concreta em si mesma, pela qual é necessária sua compreensão enquanto tal para que seja possível entender o fato – a masculinidade – em questão. O método é, portanto, uma dialética da totalidade concreta, isso não quer dizer que seja ingênuo ao pretender analisar e compreender todos os aspectos de uma realidade, não significa dizer que será oferecido um quadro total da realidade. Tal método ao invés de captar todos os aspectos, na verdade é a formulação teórica de uma realidade enquanto uma totalidade concreta. Uma realidade concreta, um todo, que possui estruturas e se desenvolve. Ou seja, não é nem uma explicação geral de todos os fatos, assim como não é uma análise imutável e estática (KOSÍK, 2002).

É preciso destacar que esse método de pesquisa se difere de muitos outros na medida em que não estabelece um conjunto de regras pré-estabelecidas e fixas que orientam o desenvolvimento da pesquisa. A pesquisa, nesse sentido, se desenvolve junto

com essa totalidade que é dinâmica, compreender os movimentos, as contradições e relações são o caminho de desenvolvimento da pesquisa (NETTO, 2011).

O objeto, nesse sentido, é apreendido num contexto de fluxo do movimento, onde há um desenvolvimento constante. Ou seja, há um caráter transitório desse objeto (MARX, 2011). No projeto aqui apresentado, a masculinidade construída do/ no sistema capitalista possui seu caráter de movimento contínuo e seu caráter de transitoriedade, nesse caso, uma outra masculinidade num processo de transição da sociedade como um todo.

É importante ressaltar, também, que as masculinidades em si são um produto de condições históricas, elas só se constituem, portanto, enquanto categoria, somente dentro dessas condições e dentro dos limites dessas condições (MARX, 2008). O materialismo histórico-dialético, nesse caso, deve ser apreendido e utilizado de maneira a inserir as discussões e formulações acerca da masculinidade dentro de condições materiais historicamente desenvolvidas e constituídas, buscando analisar suas contradições e seu caráter de transição que aponta para uma nova masculinidade necessária para um processo de transição ao socialismo.

Pretende-se no desenvolvimento de tal projeto contribuir, assim, numa formulação inter-relacionada entre Teoria da Reprodução Social e masculinidade, assim como no fortalecimento prático e teórico acerca da necessidade de construção de nova outra masculinidade, para um processo de transição do sistema capitalista ao socialismo.

#### **4. Referências**

ARUZZA, Cinzia. **Considerações sobre gênero**: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. Revista Outubro, n. 23, 2015.

ARRUZZA, Cinzia. **Funcionalista, determinista e reducionista**: o feminismo da reprodução social e seus críticos. Campinas, CEMARX, 2017.

BHATTACHARYA, Tithi. **O que é a teoria da reprodução social?**. Revista Outubro, n. 32, 1º semestre de 2019.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

ESQUENAZI, Arellys; MORAES, Livia. **Epistemologias, práxis e desafios conjunturais nas relações entre feminismo(s) e marxismo**. In: MARTUSCELLI, Danilo Enrico (org.). Os desafios do feminismo marxista na atualidade. Chapecó: Coleção Marxismo21, 2020.

FEDERICI, Silvia. **Notas sobre gênero em *O Capital* de Marx**. Campinas, CEMARX, 2017.

FERGUSON, Susan. **Feminismos interseccional e da reprodução social: rumo a uma ontologia integrativa**. Campinas, CEMARX, 2017.

GUEVARA, Ernesto Che. **El socialismo y el hombre em Cuba**. Montevideo: marzo de 1965. In: Escritos y discursos, Tomo 8, Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1977.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. 176 p.

KALMÁNOVITCH, Anna Andréievna. **Algumas palavras sobre o feminismo**. In: SCHNEIDER, Graziela (org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética**. São Paulo: Boitempo, 2017.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. In: HIRATA, Helena et al (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

KOSÍK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KRÚPSKAIA, Nadiéjda Konstantínovna. **Deve-se ensinar “coisas de mulher” aos meninos?**. In: SCHNEIDER, Graziela (org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética**. São Paulo: Boitempo, 2017a.

KRÚPSKAIA, Nadiéjda Konstantínovna. **Caminhos para a emancipação da mulher oriental**. In: SCHNEIDER, Graziela (org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética**. São Paulo: Boitempo, 2017b.

LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Revista Katálysis, Florianópolis, v.10 n. esp., p. 37-45, 2007.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 288 p.

MARX, Karl. **O Capital**: volume 1. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011. 894 p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

MÉSZÁROS, Stván. **Para além do capital, rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **Breve História do Feminismo Marxista**. In: MARTUSCELLI, Danilo Enrico (org.). Os desafios do feminismo marxista na atualidade. Chapecó: Coleção Marxismo21, 2020.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 64 p.

PANDOLFI, Aline Fardin. **Transição ao socialismo: a participação dos trabalhadores nas empresas estatais cubanas**. 1. ed. Marília: Lutas anticapital, 2019. 274 p.

SALVADOR, Angelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre: Sulina, 1986.

SCHNEIDER, Graziela (org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética**. São Paulo: Boitempo, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

